



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LÍGIA COSTA

(depoimento)

2013

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-379

Entrevistado: Lígia Costa

Nascimento: 14/03/1996

Local da entrevista: Teatro São Pedro, Porto Alegre – RS

Entrevistador/a: Suélen de Souza Andres

Data da entrevista: 12/12/2013

Transcrição: Jamile Mezzomo Klanovicz

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 29 minutos e 2 segundos

Páginas Digitadas: Cinco páginas

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Como iniciou no handebol; Clubes onde atuou; Sua renda; Aspectos positivos proporcionados pelo handebol; O handebol profissional; A transferência entre clubes; Aceitação da família; Rotina de treinos, jogos e competições; Como o público vê o handebol; A diferença entre homens e mulheres no handebol; Sonhos e frustrações; Visibilidade do handebol no Brasil; Seleção brasileira de Handebol.

Porto Alegre, 12 de dezembro de 2013. Entrevista com Lígia Costa a cargo da pesquisada Suélen de Souza Andres para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S. A – Lígia, conte um pouco da sua história com o esporte e a sua introdução no handebol?

L. C – Quando eu comecei no esporte eu não tinha muito incentivo, não tinha muita base, não tinha condições financeiras. Deste quando eu saí do meu estado¹ comecei a jogar em um clube de alto nível, com participação em Liga Nacional, comecei a ser reconhecida, e assim, fui chamada para a Seleção Brasileira e com isso comecei a ter incentivo e benefício como o do Bolsa Atleta².

S. A. – E hoje eu sei que tu atuas na UCS³, em que outros clubes tu já atuaste?

L. C. – Eu já atuei no Clube Mauá no Rio de Janeiro e na UCS, foram somente esses dois clubes que me deram essa base para chegar até aqui.

S. A. – Tu vives somente do handebol ou possui outras rendas?

L. C. – A princípio eu só vivo do handebol porque eu pratico handebol e estudo. Então, eu praticando e tendo incentivo eu consigo me sustentar bem.

S. A. – Sinta-se à vontade para responder, mas qual o salário que tu ganhas ou ganhava no início? E se teve mudanças para o salário de hoje, os benefícios que tu tevês dentro do handebol?

L. C. – Sim, quando eu comecei a jogar handebol, eu comecei a jogar em uma escola. Então, a princípio eu não tinha salário, depois quando eu fui para um clube, no Rio de

¹ Lígia Costa é natural do estado do Rio de Janeiro.

² Programa do Governo Federal.

³ Universidade de Caxias do Sul. Atua pelo time APAH/Luna ALG/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul.

Janeiro mesmo, eu comecei a ter, no sentido de uma passagem para poder ir treinar e tudo. Depois quando eu vim para cá, para o Rio Grande do Sul, eu tive um salário de R\$ 500,00 mas, hoje em dia como eu dei continuidade ao esporte aqui, consegui como eu disse, o benefício do Bolsa Atleta, que me ajudou bastante, e com isso também a base da Seleção Brasileira que nos apoiam bastante.

S. A. – Como é que foi ser convocada para a Seleção Brasileira?

L. C. – Para mim foi uma alegria imensa, o meu trabalho sendo reconhecido mas também quando eu cheguei lá, eu vi que precisava aprender muitas coisas, então, por isso eu quero dar continuidade ao handebol para aprimorar e dar continuidade aos meus objetivos.

S. A. – O que o Handebol já proporcionou a você de bens materiais?

L. C. – O handebol além de bens materiais também me proporcionou bens, como se diz, bens espirituais assim. Porque eu consegui, me dar com as pessoas dentro e fora de quadra e ter mais paciência com as coisas e ver que o esporte, ele pode te aproximar de muitas coisas, e ao mesmo tempo pode te afastar de muitas coisas. Então se você tiver cabeça você vai chegar aonde você quer.

S. A. – Tu consegues definir quando é que foi que passou, digamos de um handebol de lazer, que tu jogavas porque gostavas para um handebol que tu tinhas ele como profissão?

L. C. – Sim, quando eu comecei na escola era apenas um lazer, mas aí eu via aquelas meninas chegando à televisão, na Seleção Brasileira, e me perguntei: “Como eu faria para chegar até lá?” Então, eu comecei a trabalhar e via que tinha muitos resultados, e então, com isso eu continuei, e vi que o handebol além de um lazer passou a ser a minha profissão. E com isso graças a Deus eu consigo hoje ter uma renda boa, e que a minha vida sem o handebol eu não consigo mais.

S. A. – Antes de tu vires para a UCS tu jogavas no Mauá, como se deu essa transferência de clubes?

L. C. – Então, eu conversei com o meu técnico, que hoje em dia ele já é falecido, o Miguel⁴. A gente conversou, e eu queria mudar, eu queria sair de onde eu estava, queria alcançar outros lugares, e ele me apoio e eu vim para cá “numa boa”. E o Gabriel Citton foi meu técnico, me incentivou, me aprimorou. Ele me recebeu como uma pedra “brutinha” assim, que foi moldando, até que eu chegasse hoje até aqui.

S. A. – Com que idade tu vieste?

L. C. – Eu vim com os meus 14 anos.

S. A. – E como a tua família encarou quando tu decidiste viver do handebol?

L. C. – Foi meio complicado, porque a princípio, o meu pai não é atleta, então ele pensava que era só por lazer. Ele não concordou muito, mas a minha mãe sempre foi atleta, ela me incentivou. Aí quando eu vim para cá, e eles viram que os meus passos estavam aperfeiçoando e que eu estava começando a ser reconhecida, eles começaram a me apoiar porque eles viram que era isso que eu queria.

S. A. – Conta um pouquinho como é hoje a tua rotina de treinos, jogos e preparação para competições.

L. C. – É então, de manhã tenho... Eu estudo, depois tem a academia e quadra. E assim, eu fico praticamente as vinte horas do meu dia só praticando handebol. E é muito cansativo, mas também é muito prazeroso, porque você vê o resultado do seu trabalho, e assim, o handebol exige muito do teu físico, teu psicológico, então você precisa ter um acompanhamento psicológico e nutricional também.

S. A. – E como é para você conciliar estudos com treinos, jogos e competições?

L. C. – Com tudo, com viagens... É complicado, mas só que a minha escola, graças à Deus sempre me incentivou ao esporte, então ela sempre me deu uma base, sempre me ajudou

⁴ Nome sujeito à confirmação.

nas matérias e tal, se eu perdia, eu corria atrás, eu recuperava e isso fez com que não me atrapalhasse muito essa vida do esporte e do handebol.

S. A. – E tu acompanhas o handebol na televisão? Como é que tu vêes o interesse do público hoje no handebol feminino, em específico?

L. C. – Graças a Deus hoje em dia o público está aumentando, e talvez cada vez mais estádios mais lotados, eu vejo aquela... Também aquela pressão sobre elas, por causa da mídia, que está começando a reconhecer o handebol brasileiro.

S. A. – Tu vêes alguma diferença, assim em relação à visibilidade, incentivos, salários e afins, do handebol praticado por homens e o handebol praticado por mulheres?

L. C. – A princípio hoje em dia ainda não vê tanta diferença, mas é porque eu acredito que o homem tem mais disposição física do que a mulher; a mulher ainda ela, tem os órgãos, tem cada menstruação também, então fica bem complicado de conciliar isso. Mas, a princípio diferença eu não vejo, acho que os dois são capazes de chegar aonde querem.

S. A. – Qual o teu maior sonho dentro do handebol? E se tu já teves alguma frustração, qual foi?

L. C. – O meu grande sonho, é ter uma medalha olímpica. Acho que isso é o sonho de todo atleta, porque a gente fica se preparando, se preparando para chegar e ter uma medalha. Acho que a minha maior frustração é de não ter tentado algo que eu poderia tentar, como por exemplo, jogar de verdade, ir para frente, levantar a cabeça quando perder, acho que é uma frustração de nunca tentar.

S. A. – Em sua opinião o que deveria ser feito no Brasil para que o handebol feminino fosse mais valorizado, tivesse mais transmissões, fosse mais bem remunerado?

L. C. – Eu acho que a princípio, tem que ter mais incentivo, mais estruturas, mais apoio, mais visibilidade não somente os esportes que hoje em dia conseguiu medalha olímpica, mas também o handebol que aos poucos, graças à Deus, está crescendo Brasil.

S. A. – E agora que a seleção está disputando o mundial, invictas. O que é que tu sentes vendo? Eu sei que tu foi lá fazer o treinamento, e agora tu estás vendo as meninas jogando lá, qual é a sensação de daqui a pouco estar fazendo parte disso?

L. C. – A é uma sensação muito boa de estar sendo reconhecida, e daqui para frente ser reconhecida jogando ao lado delas, defendendo o nosso Brasil no handebol e espero que o Brasil consiga uma medalha olímpica, que é o que todos esperam.

S. A. – Muito Obrigada, gostaria de dizer mais alguma coisa que não foi perguntada, fazer algum complemento?

L. C. – Não, acho que é possível só isso.

S. A. – Muito Obrigada! Em nome do Centro de Memória do Esporte, agradecemos a tua disponibilidade em conceder essa entrevista.

L. C. – Obrigada!

[FINAL DO DEPOIMENTO]